

Para citar este artigo:

Silva, José Eduardo (2019). Outra Voz: de consumidores a Cidadãos produtores de arte e Cultura. In H. Cruz, I. Bezelga & R. Aguiar (Org.) Práticas artísticas: participação e comunidade (pp. 63-77). Évora: CHAIA/EU (ebook). ISBN: 978-972-778-119-5.

Outra Voz: de consumidores a cidadãos produtores de arte e cultura

José Eduardo Silva

Centro de estudos Humanísticos
da Universidade do Minho
(CEHUM)

Portugal

Introdução

De acordo com vários autores, não obstante a procura de propostas alternativas, no mundo contemporâneo tem vindo a acentuar-se a dominância, quase hegemónica, de uma tendência onde o incalculável vai sendo assimilado pelo calculável, sob a égide do lucro e com vista à acumulação de riqueza como um processo infinito (e.g., Arendt, Beck, Stiegler, Zizek). Num tal contexto, como o actual, onde a dimensão económica se torna cada vez mais o centro das preocupações humanas e o principal factor organizador das suas actividades, será fácil compreender a ordem de valores que, tendencialmente, se instala: a) a hegemonia dos processos competitivos sobre os processos colaborativos nas relações interpessoais (laborais, familiares, pessoais); b) a hegemonia do individualismo sobre o colectivismo enquanto princípio dominante na maioria dos contextos onde decorrem os processos de socialização. Como resultado, acentua-se a tendência global para a emergência de uma cultura individualista e competitiva, cujas consequências mais imediatas são: a) a proletarianização dos cidadãos que, de forma isolada e passiva, são cada vez mais

afastados da compreensão e dos processos de decisão que são tomados para as suas vidas pelas elites dirigentes; b) a instrumentalização dos cidadãos que se vêem assim reduzidos a um papel social passivo, como consumidores de bens materiais e culturais. Dito de outro modo, os cidadãos são cada vez mais arredados dos processos de decisão, na expectativa de que se tornem especialistas no papel de consumidores, para fazer avançar a economia global, enquanto as elites se especializam cada vez mais no papel de decisores dos rumos da economia global.

Os processos, segundo os quais, se torna possível que uma pequena elite, consiga manipular os corpos e as mentes de milhares de milhões de pessoas é evidentemente complexo – não esquecer que segundo dados da OxFam (2017), os oito cidadãos mais ricos do mundo possuem actualmente tanta riqueza combinada como a metade mais pobre da população mundial, ou seja, 3,500,000,000 de pessoas. Contudo, surgem bem descritas na literatura, as formas como as elites conseguem capturar massivamente a energia do desejo e orientá-la na direcção do consumo (e.g., Bernays, 1928; Lipovetsky, 2007; Stiegler & Neyrat, 2012; Silva, 2016a). Como reconhece Bernard Stiegler, uma sociedade fundada num modelo de desenvolvimento que visa o crescimento constante e ilimitado do lucro necessita de uma produção de bens constantemente crescente, assim como de uma igualmente crescente necessidade de consumo dos bens produzidos. Para que o funcionamento de um tal mecanismo (basilar na economia do mundo globalizado) se torne possível, tornou-se imperiosa a criação de estratégias para que a satisfação da energia do desejo pudesse ser desviada das suas formas criativas ancestrais, para se passar a consumir (e literalmente consumir) na compra de bens materiais (e culturais) que, com o tempo, se foram tornando, convenientemente, cada vez mais descartáveis. Assim, o tipo de satisfação imediata do desejo, proporcionada pelo consumo, redundava numa consequente frustração imediata, que só poderá ser satisfeita através da compra (posse) automática de um novo objecto de consumo (eis o hiperconsumo). Este ciclo vicioso de alternância entre satisfação e frustração do desejo, mediado pelo consumo, é espantosamente conveniente para o aumento do

lucro dos detentores da finança e dos meios de produção, da mesma forma que o ciclo vicioso de alternância entre prazer e dor (plenitude e ressaca), em que se vê envolvido o consumidor de heroína, é espantosamente conveniente para o aumento do lucro do chefe de um cartel de narcotráfico. Evidenciando a insustentabilidade destas lógicas tóxicas, aditivas e destrutivas, que já se tornaram hegemónicas a nível global, Bernard Stiegler (2010, pp. 5) descreve as absurdas contradições em que cada um de nós se vê enredado: "Nós e os nossos companheiros somos dependentes da economia consumista mesmo quando combatemos contra ela e sofremos dela. Contudo, sabemos que ela não pode continuar porque, como organização de uma inovação fundada na descartabilidade, no desperdício, na incúria e na cegueira, ela está em contradição com o futuro (...)". Torna-se assim evidentemente que, estas formas de manipulação, acarretam, inevitavelmente, a destruição e o esgotamento da energia do desejo, criando um ambiente tóxico, insustentável para o desenvolvimento humano e social (Stiegler, Giffard & Faurré, 2009).

Partindo do pressuposto da dominância destas tendências, que marcam um cada vez maior número de realidades contemporâneas, o presente texto dá conta das principais linhas orientadoras que têm conduzido o trabalho desenvolvido pelo grupo comunitário de exploração vocal Outra Voz (Guimarães, Portugal), enfocando as dimensões participativas e colaborativas que têm regido o processo criativo do projecto "O outro de nós", actualmente, a ser levado a cabo pelo grupo. Depois de uma análise ao historial do grupo constatamos que este colectivo emergiu, não só do desejo de construir comunidade, mas também de o fazer através da arte, na perspectiva da recuperação de um papel social activo e democrático, para a construção significativa de cultura no todo social. "O outro de nós" tem sido mais um passo neste percurso, tornando-se elucidativo dos propósitos que o grupo tem perseguido ao longo do tempo, cujo significado implícito se prende com a resistência e recusa dos cidadãos ao enclausuramento num papel passivo de consumidores para assumir um papel activo enquanto produtores de cultura. Tendo

em conta que o desenvolvimento deste projecto tem sido continuamente desenhado e redesenhado entre prática e diálogo com todos os elementos participantes, num contexto onde são constantemente convocadas propostas, objectivos, desejos, capacidades e limitações mútuas, incluiremos neste texto uma breve apresentação do grupo e das principais preocupações que o moveram à construção deste projecto distintivo. Terminaremos com uma reflexão sobre o impacto, as dificuldades e os possíveis significados que este movimento pode representar no mundo contemporâneo à luz de algumas perspectivas filosóficas e artísticas.

Individualismo e Competição: “Homo Homini Lupus” (?)

Tanto quanto sabemos, é na obra teatral *Asinaria* [A comédia dos Burros], escrita em inícios do século II a.c. pelo dramaturgo romano Plauto (Tito Mácio), que encontramos pela primeira vez, uma crítica ao provérbio romano *Homo Homini Lupus* [o Homem é o lobo do Homem] (*sic*). A ideia de que o ser humano é o seu maior predador, encerra uma problemática profunda na cultura ocidental, uma vez que a cultura humana não pode ser construída senão de forma colectiva. Basta lembrarmo-nos que, quando considerado individualmente, o animal humano apresenta inúmeras fragilidades face às vicissitudes do mundo natural e, para sobreviver, precisou rapidamente de aprender a reconhecer a necessidade e o prazer da sua associação a outros seres humanos. De facto, o humano é um ser eminentemente social que precisa de aprender tudo, inclusivamente, de aprender a ser humano através da interacção com outros seres humanos. Descrevem Peter Berger e Thomas Luckmann na obra seminal “A construção social da Realidade” (1966) que, na verdade, não nascemos humanos, tornamo-nos; e foi apenas através da colaboração e da acção colectiva que o ser humano conseguiu minimizar a sua fragilidade para construir alternativas perante as forças da natureza. Acontece que, após ter conseguido um razoável conforto relativamente aos fenómenos ambientais

e passar da situação de ser dominado para ser dominante, a acção dos seres humanos modificou-se em várias dimensões. Sem qualquer tipo de justificação, passou de oprimido a opressor, exaurindo não apenas os recursos do mundo natural à sua volta, mas de todos os outros seres vivos. E à medida que as sociedades se vão tornando mais sedentarizadas, institucionalizadas e complexas, esta problemática evidencia um grave paradoxo: por um lado o poder dos seres humanos reside no colectivo e não no individual; por outro, no seio dos colectivos humanos, onde o sujeito individual encontra a sua possibilidade de sobrevivência, alguns indivíduos, sem justificação aparente procuram tornar-se "lobo" (elite predadora metafórica) sob as mais diversas formas, subalternizando, subjugando ou escravizando não apenas os outros seres, mas também os seus semelhantes. Sendo certo que este paradoxo tem vergonhosamente perdurado ao longo da história humana, têm sido várias as tentativas de adereçar esta questão e nem sempre da melhor forma, sobretudo quando falamos de elites. Destacamos aqui, pela sua actualidade, a do filósofo inglês Thomas Hobbes que, no século XVII, abriu caminho para uma das que se tornou certamente mais popular, durável e, porventura, hegemónica. Supomos que qualquer semelhança com a actual conjuntura não seja, uma coincidência.

Hobbes fomenta a teoria de que o indivíduo que vive em comunidade não é capaz senão de visar exclusivamente a sua própria sobrevivência e, servindo-se da premissa de que cada ser humano representa uma ameaça constante para todos os outros, lança a ideia da necessidade de uma organização política soberana e superior (*Estado-Leviathan*) que possa controlar os comportamentos no sentido de proteger os interesses privados dos cidadãos. No livro "*Leviathan or The Matter, Forme and Power of a Common Wealth Ecclesiasticall and Civil*" (1651) ele cria uma teoria política que funde o interesse privado e o interesse público, com a originalidade de conceber um Estado que não se baseia em nenhum tipo de lei construtiva que determina o que é certo ou errado no interesse individual em relação às coisas públicas, mas que, pelo contrário, se baseia nos próprios interesses

privados de uma elite e na sua defesa. Ou seja, para resolver a questão, propõe que esse Estado deverá ser absolutamente moldável aos interesses privados das elites que o conquistam e, sem qualquer julgamento acerca do que é melhor ou pior para o bem comum, os interesses privados dominantes deverão automaticamente adquirir o estatuto de interesses públicos, aos quais, os cidadãos passam a dever obediência cega e absoluta.

Partindo do mesmo princípio de Hobbes, que o ser humano é inerentemente individualista e que o desejo do poder deve ser a sua paixão fundamental, a associação entre seres humanos não pode ser outra que não instrumental ou de conveniência. Reduzido à sua função, "O Homem" (*sic*), pode ser avaliado (quantificado) de acordo com "... o seu preço. Ou seja, aquilo que se lhe daria pelo uso da sua força" (Hobbes, 1651, pp. 71). Este "preço" deverá, como acontece com qualquer mercadoria, ser constantemente avaliado e reavaliado pela sociedade de acordo com as leis da oferta e da procura. À semelhança do que acontece hoje nos mercados financeiros, ter poder é ter controlo sobre a regulação dos preços da oferta e da procura em proveito próprio. E na sequência disso todo pensamento e todo o ser humano que não se conformar ao objectivo final de uma máquina cujo único propósito é a infindável geração e a acumulação de poder (capital), pode ser um estorvo perigoso. Na actualidade (quatro séculos depois), este modelo de sociedade parece ter atingido o seu expoente máximo. Hoje, mais do que nunca, a riqueza tornou-se num processo interminável de se ficar mais rico. O poder é sempre daquele que o consegue impor e a liberdade não é mais do que uma mera ilusão: é incluído apenas repetindo o discurso do poder; é livre caso o consigas conquistar ou desejes seguir a norma de quem o impõe. Toda a diferença, diversidade, divergência de desejo ou pensamento, corre o risco de ser perigosa e deverá ser erradicada, quando contrária aos interesses individuais das elites detentoras do poder.

Outra Voz: produção de outra cultura

Dadas as espantosas coincidências entre os princípios operativos acima descritos e a actualidade, poderíamos perguntar-nos se Hobbes possuía uma capacidade invulgar de prever o desenvolvimento futuro (e inevitável) das sociedades ou, em alternativa, se foi o fomento das suas teorias pelas elites económicas, aquilo que acabou por produzir os resultados actuais. Encontramos em Hannah Arendt (1949, pp. 175-176) algumas possibilidades de resposta em "As origens do totalitarismo", onde nos mostra que aquilo que descreve Hobbes, não é o "Homem" (sic), mas sim, o homem burguês - uma classe que, alimentando-se nos esquemas de exploração opressiva, emerge e procura tornar-se uma elite dominante durante o século XVII: "Hobbes foi o verdadeiro filósofo da burguesia porque compreendeu que a aquisição de riqueza, concebida como processo sem fim, só pode ser garantida pela tomada do poder político pois o processo de acumulação violará, mais cedo ou mais tarde, todos os limites territoriais existentes". Podemos observar, sobretudo nas últimas décadas e, mais visivelmente, nos recentes colapsos da economia global (que é, no fundo, a globalização dos princípios ideológicos acima descritos), que apesar de as elites que se servem deste sistema terem sabido adiar o seu esgotamento (reinventando-o e dissimulando-o sofisticadamente), se torna cada vez mais óbvio que o crescimento ilimitado é absolutamente insustentável, acarretando consequências destruidoras para os cidadãos: "Uma Commonwealth baseada no poder acumulado e monopolizado de todos os seus membros individuais torna todos necessariamente impotentes, privados das suas capacidades naturais e humanas. Degrada o indivíduo à condição de peça insignificante na máquina de acumular poder (...)" (Arendt, 1949, pp. 176). Dito de outro modo, não está aqui apenas em causa a criação a perpetuação de um modelo obsoleto de desenvolvimento que oculta os seus verdadeiros propósitos do escrutínio da generalidade dos cidadãos (travestindo-se de "lobo" em pele de "cordeiro"), mas também a destruição progressiva e absoluta de recursos, de vidas e de saberes culturais e humanos.

É neste quadro psicológico e social que se inscreve a incalculável relevância do projecto Outra Voz, enquanto movimento de cidadãos que reclama um papel participativo e transformador no objectivo da construção de realidades sociais mais democráticas, horizontais, igualitárias e justas. Para fazê-lo propõe começar da melhor maneira possível, no contexto colectivo da criação artística, abrindo espaços partilhados de experimentação e exploração de dimensões humanas psicológicas e sociais, onde é possível inscrever e explorar livremente gramáticas pessoais em interacção simbólica com o outro. Espaços de prática de construção de conhecimentos e saberes onde é possível recuperar, pelo menos uma parte da energia do desejo e canalizá-la de volta para os processos criativos de sublimação, evitando o seu esgotamento. Ao contrário do que propõe Hobbes, o que está em causa são os incalculáveis valores imateriais da liberdade e das relações humanas, por contraposição aos valores calculáveis e materiais da instrumentalização, cujos processos temos vindo a descrever.

Outra Voz: comunidade pela arte

Como se pode ler no seu manifesto, tendo sido criada a 18 de julho de 2010, a Outra Voz foi inicialmente lançada pela Área da Comunidade da Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012 (CEC) em parceria com o Serviço Educativo do Centro Cultural Vila Flor (Guimarães), através de uma oficina de canto experimental tradicional orientada por Amélia Muge e António José Martins, dos quais resultaram as duas primeiras apresentações com um grupo de cerca de duas dezenas de pessoas. Após as primeiras actuações, propôs-se a um alargamento a outras freguesias do concelho de Guimarães de modo a que o trabalho pudesse abranger o maior número possível de participantes de diferentes faixas etárias e contextos sócio-económicos, com ou sem experiência vocal. Desde essa altura, na Outra Voz não existe uma selecção de participantes através do processo de audição, como é comum em alguns coros tradicionais. A lógica que rege o grupo é a inclusão e

acolhimento de toda a diversidade de pessoas que queira participar no diálogo interpessoal e intercultural emergente do exercício artístico. A abordagem ao trabalho vocal segue também uma tendência pouco convencional, uma vez que, segundo o manifesto “a voz é abordada sob uma perspectiva holística que permite que se estabeleçam pontes entre o participante e o meio que o rodeia”. Para além disso, o trabalho vocal surge frequentemente acompanhado por “uma linha performativa que propõe ao participante exercícios corporais e vocais”. Se, por um lado, o grupo se distingue na escolha de repertório tradicional significativo para os participantes, por outro, tendo em conta a consciência da relação entre voz e corpo, o grupo colabora frequentemente com profissionais da dança contemporânea ou do teatro, com o intuito do aprofundamento das possibilidades exploratórias que este trabalho oferece. Este é talvez o aspecto mais distintivo e arrojado do grupo, propondo aos seus participantes o envolvimento em processos de trabalho fundados na utilização experimental da sua voz, em articulação com um trabalho corporal. A relação do corpo e da voz, com o meio e com o espaço, é abordada na relação dialógica entre a entoação de motivos vocais (e.g., em espaços com características acústicas irregulares) e a produção de ressonâncias internas corpóreas, que se exteriorizam no espaço colectivo, físico e social. O repertório tradicional, por ter evoluído de uma forma paralela aos cânones do ensino coral tradicional está repleto de expressões vocais não convencionais, eivadas de significados, de que são exemplo o “guincho” e os portamentos dos cantares polifónicos tradicionais do Minho, não obliterando outras formas de expressão vocal como o canto gutural dos habitantes da região de Tuva, os cantares polifónicos dos Pigmeus da África central ou os cantos dos esquimós Inuit. É neste tipo de contextos, onde os participantes são envolvidos numa prática que os conduz por territórios desconhecidos da sua própria voz, da sua própria experiência de vida, que se desenvolvem processos de socialização plenos de relações transversais entre diferentes faixas etárias, diferentes contextos sociais, diferentes legados culturais. São uma comunidade de cidadãos, reunidos sob a égide de uma pluralidade de

aspectos psicossociais que a voz humana pode representar. Actualmente, o grupo conta com aproximadamente cento e vinte participantes, divididos por seis núcleos de ensaio semanal regular em diferentes freguesias do concelho de Guimarães (Briteiros, Lordelo, Pevidém, São Torcato, Nespereira e Guimarães-centro), sendo o único projecto que sobreviveu ao término da capital Europeia da Cultura Guimarães 2012. Tendo realizado até a data cerca de 60 espectáculos, apresentações e um documentário premiado internacionalmente, a Outra Voz continua a afirmar-se sobretudo como um “ponto de encontro entre pessoas (também conhecidas como “Outravozianos”) de diferentes origens geográficas, diferentes vivências e experiências, unidas pela vontade comum de partilhar a sua voz com o outro”.

O projecto “O outro de nós”

Em outubro de 2016, fui contactado pela direcção da Outra Voz, com uma proposta de colaboração artística. Tinha já ouvido falar do grupo e da singularidade do seu trabalho, mas não tinha ainda assistido a nenhum dos seus espectáculos. As primeiras reuniões ocorreram de forma cautelosa, por forma a proporcionar o início de um reconhecimento mútuo e de, numa discussão construtiva contínua, procurar as maneiras mais viáveis e interessantes de alicerçar um projecto conjunto. Evidentemente estas discussões estavam inicialmente limitadas pelo facto de a Outra Voz, não estar presente na sua totalidade e se fazer representar pela sua direcção, o que foi sempre tido em conta nas projecções, planos e considerações resultantes das conversas. Devido a um conjunto de razões internas às circunstâncias do grupo, a proposta inicial prendia-se com a construção e apresentação de um espectáculo que associasse componentes teatrais e sonoras. Num dispositivo cénico próximo do da tragédia Grega (Coro-Corifeu), a ideia era a de que um actor profissional interpretasse um texto e o coro (Outra Voz) sonorizasse os vários espaços sociais, naturais e psicológicos do espectáculo. Nesse sentido havia também uma sugestão de autor e de texto, por diversas razões, significativo para as circunstâncias e contextos onde o grupo desenvolve o seu trabalho: o autor Raúl

Brandão e o texto "O Pobre de Pedir". Na continuidade dos diálogos e reflexões sobre estas questões e após alguns encontros regulares, onde o entendimento se foi muito rapidamente consolidando, foi-se tornando claro que a proposta original seria um óptimo ponto de partida, ao invés de ser um ponto de chegada.

Tomando inspiração, primeiramente nas nossas sistematizações prévias sobre o trabalho teatral (e.g., Silva, 2016a; Silva, 2016b; Silva, Menezes & Coimbra, 2013), assim como nos princípios metodológicas de Augusto Boal no Teatro do Oprimido (Boal, 1975; Silva & Menezes, 2015) e, mais tarde, nos princípios operativos das metodologias de Investigação-Acção Participatória (Fals-Borda & Rahman, 1991), elaborámos, numa lógica de projecto, um conjunto de linhas de acção continuada, com o propósito de envolver os participantes de modo a que os processos de decisão pudessem ser progressivamente transferidos para dentro do grupo.

Nesse sentido, a primeira linha de acção foi a procura de participantes-chave, dentro e fora do grupo, que manifestassem o desejo de colaborar com este projecto e com os quais pudéssemos iniciar, nas várias freguesias e núcleos de trabalho, uma recolha etnográfica de memórias sonoras e vivências dos participantes, como canções, ladainhas, sons humanos ou maquinais associados a rituais, trabalho, costumes, tradições culturais (entre muitas outras coisas), de modo a activar a auto e hetero-investigação na memória individual e colectiva dos participantes.

A segunda linha começou a ocorrer durante a recolha etnográfica e consistiu na organização de vários encontros presenciais, inicialmente com cada um dos vários núcleos e posteriormente com a totalidade do grupo (que o grupo apelida de "ensaios gerais"). Nestes encontros, vai-se alternando exercícios de improvisação interpessoal de base teatral com a discussão colectiva (*fóruns*) de temas, processos, problemáticas e desejos, que poderão, ou não, estar relacionados com o projecto, mas que fazem parte integral da construção do colectivo e do processo de criação artística.

Uma terceira linha consistiu no fortalecimento da activação do grupo para a possibilidade de colaboração em rede, sobretudo (mas não exclusivamente) na

elaboração de projectos que possam ser financiados, contribuindo assim para uma maior autonomização do grupo na delineação e prossecução dos seus objectivos. Este processo levou, entre outras coisas, à realização de uma candidatura a nível europeu, uma outra a nível nacional e outra ainda a nível municipal (local). Apesar de apenas a de nível local ter produzido efeitos, acentua-se a importância deste processo na integração em redes de trabalho colaborativo, na constituição de equipas e ainda no estabelecimento de protocolos e parcerias institucionais que permitiram ao grupo ter, por exemplo, acesso a espaços (como o Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor ou a *Black Box* do Centro Internacional das Artes, José de Guimarães) que costumeiramente, não são disponibilizados a projectos de cidadãos produtores de cultura, mas apenas a uma elite de grupos profissionais, representantes da Cultura “erudita”.

Tendo em conta as linhas de acção acima descritas, o processo criativo de “O Outro de nós”, tem-se desenvolvido de forma colaborativa e partilhada, entre ensaios fechados e abertos à comunidade, numa lógica que procura progressivamente que os processos de decisão e todos os conteúdos a nível artístico, criativo e administrativo sejam transferidos completamente para o grupo. Procura-se assim contribuir para que, no futuro, os seus elementos consigam atingir uma autonomia total na valorização dos seus saberes individuais e colectivos. A estreia deste processo está prevista para o dia 26 de Maio no GA do CCVF, mas esta data poderá ser alterada caso se entenda que interferirá negativamente na qualidade do processo de criação do grupo, pois é nesta premissa, que coloca o grupo e os seus participantes no centro do projecto, que assenta todo o propósito desta colaboração.

Discussão

No meio dos enormes contrassensos que o modelo dominante de desenvolvimento assente na ideia de que é o ser humano que deve servir a economia e não o contrário, nos coloca; e perante a evidência de uma necessidade de mudanças a

nível individual e colectivo, é absolutamente necessário encontrar soluções que possam transformar este estado de coisas. Mas, tal como em outros momentos históricos tem acontecido, tudo parece indicar que será necessário chegar a um estado de absoluta entropia colectiva para que possam ser iniciados processos de mudança, como por exemplo começou a acontecer após o fim da catástrofe que foi a segunda guerra mundial. Para evitar este tipo de cenários seria desejável devolver o poder aos cidadãos, o conhecimento da posse deste poder e explorar activamente o exercício responsável desse poder no contexto colectivo.

Trata-se precisamente de, numa primeira instância, destruir a ideia essencialista e determinista de que os seres humanos não podem ter acção sobre a construção da realidade. Mas diríamos que estamos num momento em que, por razões que não deixam de ser óbvias, esta prioridades não se encontram nas agendas do poder e é neste aspecto que se destaca a extraordinária importância da emergência de projectos como a Outra Voz que, inconformadamente, procura através da promoção de processos criativos, colaborativos e associativos entre sujeitos (de que o teatro e a música são bons exemplos) uma voz activa na construção social e uma melhoria da qualidade geral dos processos de socialização. Talvez porque a memória é importante para que o colectivo humano possa parar de repetir os mesmos erros, alguns grandes mestres têm fixado palavras que não nos deixam esquecer a importância do inconformismo e do agir para o bem comum. Em jeito de homenagem aos inconformados e porque não devemos abdicar de escolher bem os nossos mestres, terminamos este texto com o poema de Bertolt Brecht ***Die Handeln Unzufriedend*** [Os descontentes que agem¹]:

Os descontentes que agem, esses vossos grandes professores
inventaram a construção de uma comunidade na qual o Homem já não é lobo do Homem.
E descobriram o deleite em comer até ficar saciado e de ter um teto sobre a sua cabeça
e a sua vontade em tomar conta dos seus próprios assuntos.

¹ Tradução do autor do autor do presente artigo.

Eles não acreditaram nas palavras vazias dos pregadores, de que a nossa terrível fome cessaria quando apodrecessem os nossos estômagos.

Deitaram fora pratos cheios de comida malsã.

Reconheceram o homem que lhes foi dito ser um inimigo como um seu vizinho faminto.

Foram pacientes apenas na luta contra os opressores

Tolerantes apenas com quem não tolera a exploração

Cansados apenas da injustiça.

Aquele que derrubou a pontapé a cadeira em que descansava desconfortavelmente

Que enterrou o seu arado mais fundo na terra do que qualquer outro antes dele

O homem descontente,

esse será o nosso professor na reconstrução da comunidade.

Àqueles, no entanto, que se engasgaram a comer pratos cheios de promessas

ser-lhes-ão arrancados os estômagos.

E enterrar os seus ossos corrompidos é desperdiçar uma mão cheia de terra.

Bibliografia

Arendt, Hannah (1989). *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras [1949].

Beck, Ulrich and Beck-Gernsheim, Elisabeth (2002). *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. London: Sage. Print.

Berger, Peter & Luckmann, Thomas. (1966). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. New York: Anchor Books & Doubleday & Company, Inc.

Bernays, Edward (2005). *Propaganda*. Brooklyn, NY: Ig Publishing [1928]

Boal, Augusto (2013). *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify [1975].

- Fals-Borda, Orlando & Rahman, Mohamad Anisur (1991). *Action and Knowledge: Breaking the Monopoly with Participatory Action-Research*. New York: The Apex Press. ISBN 0-945257-31-7. Print.
- Hobbes, Thomas (1977) *Leviathan or The Matter, Forme and Power of a Common Wealth Ecclesiasticall and Civil*. London: The English works of Thomas Hobbes, 3 [1651]
- Lipovetsky, Gilles (2007). *A felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- OXFAM (2017). *An economy for the 99%*. Oxfam Briefing paper (January) https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/file_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-en.pdf
- Silva, José Eduardo (2016). *Entre o Teatro e a Psicologia: Ensaio para a Reunificação de Corpos e Mentes*. Porto: Apuro Edições. Print. ISBN: 978-989-98771-2-2
- Silva, José Eduardo (2016). *(Des)Individuação: (Des)Concerto para Bernard Stiegler*. Porto: Apuro Edições. Print. ISBN: 978-989-99751-1-8
- Silva, José Eduardo, Menezes, Isabel. & Coimbra, Joaquim (2013). As formas de Antígona: Um estudo hermenêutico sobre criatividade e diversidade em Sófocles. *Persona*, 1, 22-36. ISSN: 2183-1149. [http://persona -esap.weebly.com/uploads/9/0/2/7/90272353/1_persona-p22-36.pdf](http://persona-esap.weebly.com/uploads/9/0/2/7/90272353/1_persona-p22-36.pdf)
- Silva, José Eduardo & Menezes, Isabel (2016). Art Education for Citizenship: Augusto Boal's Theater of the Oppressed as a Method for Democratic Empowerment. *Journal of Social Science Education*, 15, (4), 40-49. DOI 10.2390/jsse-v15-i4-1507.
- Stiegler, Bernard (2010). *Projecto revoluções (Manifesto 2010) Ars Industrialis*. Disponível em <http://arsindustrialis.org/manifeste-2010>
- Stiegler, Bernard, Giffard, Allain & Fauré, Christian. (2009). Pour en finir avec la mécroissance: Quelques réflexions d' Ars industrialis. Paris: Flammarion.

Stiegler, Bernard, and Frédéric Neyrat (2012) "Interview: From Libidinal Economy to the Ecology of the Spirit". *Parrhesia* 14 pp. 9-15. Print.

Zizek, Slavoj. (2006). *Bem-vindo ao deserto do real*. Lisboa: Relógio D'Água editores [2002].

Resumo

Nas sociedades ocidentais, dominadas por lógicas de especialização redutoras que constantemente opõem as dimensões de produção às do consumo, o conceito de cidadania tende a assumir contornos cada vez mais passivos e conformistas. O presente artigo aborda dimensões comunitárias da participação política através da arte, que consideramos relevantes para a emergência de cidadãos proactivos na construção cultural das suas sociedades. Os dados apresentados têm por base os princípios operativos, assim como as experiências artísticas interdisciplinares performativas do grupo vocal comunitário vimaranense *Outra Voz*, nomeadamente, os desenvolvimentos de um projecto artístico em curso "O outro de nós", que está a ser construído com recurso a metodologias participativas.

Palavras chave: arte e comunidade, cidadania, culturas participativas, produção de cultura, consumo massificado.

Abstract

In western societies, dominated by reductionist logics of specialization that constantly oppose dimensions of production to those of consumption, the concept of citizenship tends to assume passive and conformist features. The present article addresses communitarian dimensions of political participation through art, that we consider to be relevant for the emergence of proactive citizens in the cultural construction of societies. The presented data is based in

the main theoretical and organizing principles, as well as the artistic performative interdisciplinary experiences of the communitarian vocal exploration group Outra Voz (other voice), and in particular, the developments of the artistic project in course "O outro de nós" (the other of us), that is being construed with recourse to participative methodologies.

Keywords: Art and Community, Citizenship, Participative Cultures, Culture Production, Massified consumption.

Nota biográfica

José Eduardo Silva é um actor, encenador e dramaturgo (desde 1994), actualmente investigador sénior do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Nos últimos anos, tem vindo a desenvolver investigação, tanto no campo das artes como no das ciências sociais e humanas. Licenciado em teatro (ESMAE- IPP) e Doutorado em Psicologia do Teatro (FPECUP), o seu trabalho tem vindo a interceptar perspectivas teóricas e práticas artísticas, em áreas como o desenvolvimento psicológico, a participação cívica e política, a educação, a estética e os estudos performativos. A investigação de onde resultou este trabalho foi apoiada por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia IP (FCT) e pelo Fundo Social Europeu, através do Programa Operacional do Capital Humano (POCH) do Portugal 2020 (Bolsa de Pós-Doutoramento com a ref. SFRH/BPD/100638/2014).